



# Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i2>

ISSN 2177-2940  
(Online)

ISSN 1415-9945  
(Impresso)

## O Epítome Heidelberg: limites e possibilidades de uma fonte histórica do século XV

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i2.45844>

Henrique Modanez de Sant Anna

Universidade de Brasília, UnB, Brasil. E-mail: [henriquemodanez@gmail.com](mailto:henriquemodanez@gmail.com)

<b>Palavras-chave:</b> Epítome Heidelberg; Helenismo; Fragmentos gregos.	<b>O Epítome Heidelberg: limites e possibilidades de uma fonte histórica do século XV</b> <b>Resumo:</b> Este artigo apresenta uma discussão historiográfica sobre a fonte histórica conhecida como <i>Epítome Heidelberg</i> (FGH 155), um documento grego do século XV de autoria disputada e que trata dos primórdios do período helenístico (323-316 a.C.). Propõe especialmente avançar no debate a partir da tese de Pat Wheatley ao inserir o documento em epígrafe em uma breve discussão conceitual e metodológica sobre epítomes e fragmentos na historiografia grega.
<b>Key words:</b> Heidelberg epitome; Hellenism; Greek fragments.	<b>The Heidelberg epitome: limits and possibilities of a historical source from the XV century</b> <b>Abstract:</b> This article presents a historiographical discussion on the historical source (FGH 155) known as the <i>Heidelberg epitome</i> , a Greek document from the 15 <sup>th</sup> century whose authorship is disputed and that recounts events of the early Hellenistic period (323-316 B.C.). It aims at furthering the debate from Pat Wheatley's hypothesis by inserting the epitome into a brief conceptual and methodological discussion on epitomes and fragments in the Greek historiography.
<b>Palabras clave:</b> Epítome Heidelberg; Helenismo; fragmentos griegos.	<b>El epítome Heidelberg: límites y posibilidades de una fuente histórica del siglo XV</b> <b>Resumen:</b> Este artículo presenta una discusión historiográfica sobre la fuente histórica conocida como Epítome Heidelberg (FGH 155), un documento griego del siglo XV de autoría disputada y que trata de los principios del período helenístico (323-316 a. C.). Propone especialmente avanzar en el debate a partir de la tesis de Pat Wheatley al insertar el documento en el epígrafe en una breve discusión conceptual y metodológica sobre epítomes y fragmentos en la historiografía griega.

Artigo recebido em: 13/12/2018. Aprovado em: 03/05/2019.

## Introdução

A polêmica morte de Alexandre, em 323 a.C., inaugura um período a que chamamos de “helenístico”, do ponto de vista historiográfico em função da pesquisa empreendida pelo historiador e classicista alemão J.G. Droysen (1980)<sup>1</sup>. Antes de Droysen, o período situado entre o fim da carreira de Alexandre e a morte de Cleópatra, em 30 a.C., era visto como o hiato pitoresco entre o clássico ateniense e o emergente Império Romano. Em Droysen, deixou de ser um hiato e passou a ser visto como uma **época** em sua adaptação da filosofia hegeliana, que tratava o helenismo como a principal avenida para a consolidação do Cristianismo<sup>2</sup>. Nas últimas décadas, os estudos helenísticos têm recebido muita atenção de historiadores, filósofos e classicistas de modo geral, dadas as descobertas arqueológicas (especialmente nos campos epigráfico<sup>3</sup> e numismático) e a efervescência metodológica que as acompanhou. Exemplos emblemáticos desse interesse “recente” são os congressos realizados sobre o mundo helenístico, em particular sobre as monarquias e dinastias após Alexandre<sup>4</sup>, bem como publicações de

algumas das editoras mais ativas no campo<sup>5</sup>. O período helenístico, portanto, ganhou autonomia e relevância como área específica de pesquisa.

Diante disso, cresceu naturalmente o interesse sobre o que podemos conhecer da complicada história política dos primórdios do período helenístico, anterior aos registros do historiador grego Políbio (doravante Polyb.), no século II a.C.. Nos cinco livros completos das *Histórias* de Polyb., bem como nos fragmentos dos demais (sendo o sexto o mais extenso), tomamos conhecimento da adaptação helenística sobre a teoria platônica da sucessão das formas de governo, das guerras dos reinos contra Roma, das vantagens e desvantagens no uso das falanges e legiões pelos seus generais, dos diversos tratados políticos e das guerras entre Cartago e Roma. Enfim, em Polyb. tem-se o maior conjunto de informações historiográficas sobre a conquista do mundo helenístico pela república romana (afinal, a inspiração de sua investigação deriva disso). Mas Polyb. era somente um dos mais de seiscentos historiadores helenísticos de que se tem notícia (Marincola, 2007, p. 1), muitos dos quais Felix Jacoby (1957-) organizou em sua obra *Fragments des Historiadores Grecs*

1 Sobre Droysen, ver mais recentemente ASSIS (2014).

2 Ver MomiGLIANO (1970) e, mais recentemente sobre a transição das épocas históricas, CALDAS e SANT'ANNA (2008).

3 Ver especialmente CHANIOTIS (2018).

4 Como o evento organizado pela Universidade Estadual da Pensilvânia (Penn), em 2015, intitulado: *Building a New World Order: Hellenistic Monarchies in the Ancient Mediterranean World*, que contou com a participação de Andrew Erskine (Edimburgo), Joseph Manning (Yale), Burstein (Universidade do Estado da

Califórnia) e Strootman (Universidade Utrecht). Os estudos de religião também experimentam esse vigor acadêmico, com particular atenção para os ricos sincretismos religiosos que desembocam inevitavelmente na história de Roma e do Irã antigo.

5 Um bom exemplo é a *Blackwell publishing house*, que publicou, por exemplo: ERSKINE (2008). Outras editoras de renome acompanham essa tendência, como a Harvard University Press, que publicou recentemente: KOSMIN (2014), mais de duas décadas após a publicação de SHERWIN-WHITE (1993).

(*Die Fragmente der griechischen Historiker [FGH]*). Dos outros historiadores helenísticos, destaca-se neste artigo o grego conhecido como **Jerônimo de Cárdia** (c. 364 – c.260; *FGH* 154), por ter sido provavelmente fonte para Diodoro Sículo (doravante D.S.) e para o autor do epítome Heidelberg.

Este epítome, objeto de maior interesse neste artigo, chamou a atenção inicial de Georg Bauer em 1914, cujos estudo e principais conclusões foram apenas muito recentemente atualizados por Pat Wheatley (2013). Isto se deve ao fato de que, por quase um século, negligenciou-se o fragmento ou fê-lo repousar em alegado e cômodo status de fonte inferior, quando comparado aos relatos de D.S. (hoje, sabe-se, fonte para o autor do epítome) e aos fragmentos de Arriano (doravante Arr.) (cuja credibilidade repousa em uma assertiva do monge bizantino Fócio, que o classificou como novo Xenofonte) (Sant’Anna, 2015, p. 267). Os poucos erros (ex.: o fato de Ptolomeu ter esposado a irmã de Alexandre; *vide infra*) e divergências encontrados no epítome Heidelberg foram, portanto, considerados uma espécie de caduco “desvio de objetividade”, e seu conteúdo algo próximo de um suplemento textual excêntrico para as fontes mais ortodoxas.

É muito curioso, no entanto, como lembrado por Wheatley (2013, p. 17), que apesar das críticas derivadas originalmente do trabalho inaugural de Bauer, em 1914, o epítome tenha sido frequentemente utilizado pela historiografia com a finalidade de extrair

mais uma peça de um quebra-cabeças histórico ou de dar suporte a uma interpretação engenhosa<sup>6</sup>. Este artigo pretende contribuir com a discussão mais atual ao sistematizar os conceitos e a metodologia referentes aos fragmentos e epítomes nos estudos helenísticos, avançando com a hipótese de Wheatley quanto à provável autoria de Jerônimo de Cárdia. Para tanto, oferece ainda a primeira versão do epítome Heidelberg para o português.

### **Fragmentos e epítomes em perspectiva**

Se considerarmos o altíssimo número de historiadores do período helenístico, soa estranho que normalmente tenhamos conhecimento mais imediato apenas sobre Polyb., D.S. e Dionísio de Halicarnasso. Isso se deve ao fato de que, ao lado dos três grandes historiadores dos séculos V e IV a.C. (Heródoto, Tucídides e Xenofonte), os historiadores helenísticos tenham sobrevivido majoritariamente em fragmentos. Mesmo os três gregos do período helenístico supracitados não foram preservados em sua inteireza, como nos lembra Marincola. Isto pode nos transmitir – como frequentemente transmite – a ideia falsa de que os trezentos anos situados entre a morte de Alexandre e da representante da última dinastia helenística a se curvar

<sup>6</sup> Wheatley (2013, p. 27) fornece igualmente uma longa e importante lista de exemplos, que passam por autores como William Tarn, Ernst Badian, A. Brian Bosworth, Waldemar Heckel e Alexander Meeus. Estes autores não foram listados na bibliografia deste artigo porque compreendem apenas os exemplos utilizados por Wheatley.

militarmente aos romanos, Cleópatra, testemunharam igualmente uma queda no número e na qualidade dos trabalhos dos historiadores gregos. Seria uma espécie de “efeito historiográfico rebote”, tardio e posterior à valiosa contribuição de Droysen. Do lado romano (tomando a liberdade de retomar uma vez mais o raciocínio de Marincola a esse propósito), praticamente todo o rico grupo de historiadores latinos dos séculos II e I a.C. se perdeu, e mesmo dos historiadores cujos trabalhos por vezes consideramos extensos tem-se apenas uma fração: as *Histórias* de Salústio foram perdidas, assim como mais de cem livros de Tito Lívio e cerca de dois terços das *Histórias* e dos *Anais* de Tácito (Shipley, 2000, p. 7; Marincola, 2007, p. 1).

Diante do exposto, a pergunta que se coloca aqui não é tanto o que nos sobrou (pergunta que serve para ter um mapa do material restante, bem como para lamentações dos historiadores modernos), mas a condição de preservação desses materiais e que método pode ser empregado para o tratamento dessa documentação. A natureza fragmentária desses trabalhos apresenta-se por meio da seguinte tríade metodológica, finalizando o suporte dado pelo raciocínio de Marincola: “testemunhos”, ou observações feitas por autores (historiadores ou não) acerca do escopo, da organização e da natureza do trabalho historiográfico perdido; “fragmentos”, ou citações feitas por autores tardios que nos informam sobre o trabalho

perdido; e “epítomes”, ou sínteses feitas tardiamente de trabalhos perdidos. Este último “gênero” por vezes é excessivamente resumido, como no caso do *Epítome de Pompeu Trogo*, feito por Justino, que condensou uma obra cinco vezes mais extensa que a *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides a cerca de duzentas páginas (Marincola, 2007, p. 2). Por fim, recomenda-se uma cautela genérica inicial ao lidar com esse suporte literário tardio, posto que 1) os antigos citavam quase sempre de memória (daí a confusão em muitos detalhes dessas histórias), 2) esses autores tardios inseriam os “fragmentos” em sua própria narrativa, distorcendo comprovadamente a orientação literária do trabalho citado ou resumido, e 3) eles omitiam eventos em uma seleção que tinha como princípio geral a demonstração de sua superioridade frente ao seu predecessor.

Como sugere o próprio título deste artigo, o caso do documento em questão pertence ao último tipo na tríade didaticamente apresentada por Marincola. Trata-se de um epítome, cuja “tradição” mais expressiva remonta aos primórdios da Antiguidade tardia e é depois continuada, tanto no lado ocidental do Império Romano quanto no lado oriental, ou bizantino. Na verdade, o próprio termo “tradição” parece inapropriado para tratar desse tipo de documentação, mas tem que ceder por causa da especificidade do epítome Heidelberg e de outros possíveis epítomes bizantinos (aparentemente utilizados pelo autor do nosso epítome). A classificação de famosos epítomes

latinos como os de Eutrópio (século IV d.C.) e Festo (final do século IV d.C.), segundo Banchich (2007, p. 309), respondiam mais a demandas imperiais imediatas do que ao suposto interesse desses autores pela história ou por uma aquisição perene (o famoso *ktêma es aei* de Tucídides). “Pois não haveria *Epitome De Caesaribus* sem Flávio Vitor, nem os *Breviaria* de Eutrópio e Festo sem Valente”, conclui o autor. De fato, Eutrópio ocupava o posto de *Magister Memoriae* quando dedicou seu *Breviarium* ao imperador Valente, com um propósito declaradamente bastante específico na dedicatória e na apresentação das intenções da obra:

Ao Imperador Valente, Vencedor dos Godos, Máximo, Perpétuo, Augusto.

Com o consentimento de Tua Bondade, coligi em uma breve narração sucintamente os acontecimentos romanos mais eminentes, assim militares como civis, segundo a ordem dos tempos, de fundada a cidade até nossos dias, adicionados também a esses, os feitos mais egrégios na vida dos príncipes, de modo que a mente divina de Tua Serenidade, possa alegrar-se de haver seguido, na administração do império, os feitos dos varões ilustres, antes mesmo que a leitura os fizesse conhecer<sup>7</sup>.

Do lado bizantino, um caso interessante e igualmente instrumental para a

discussão desta seção é o de Fócio de Constantinopla. Este elaborou uma coleção de duzentos e oitenta códices, intitulada *Myriobiblon* (ou simplesmente *Biblioteca*), nos quais resumiu em epítomes e sumários mais de quatrocentos livros escritos por autores que se alastram de Heródoto no século V a.C. a Sérgio Confessor no século IX d.C., contemporâneo e possivelmente pai de Fócio (Treadgold, 2002, p. 2). Muitos desses resumos em epítomes são de autores seculares (isto é, não eclesiásticos), dos quais contam-se: mais de quarenta obras de trinta historiadores e geógrafos, sendo que desses, dezesseis estão preservados em outras obras, dezessete são fragmentários e oito se perderam ou não podem ter autoria atribuída com segurança<sup>8</sup>.

Nos códices 91, 92 e 93, por exemplo, situam-se suas impressões sobre Arriano, “concorrente” do epítome Heidelberg em seus fragmentos sobre a história dos Sucessores de Alexandre e um dos principais historiadores gregos do Império Romano. O próprio Fócio o classificou como “novo Xenofonte” (*vide supra*). Ainda que Fócio tivesse motivações distintas das motivações imediatas de Eutrópio e Festo, sua obra é emblemática para um dos problemas comuns dos epítomes, como dito anteriormente e agora com mais destaque: “a inserção dos ‘fragmentos’ em sua própria narrativa, distorcendo comprovadamente a orientação literária do trabalho citado ou resumido”. De fato, como argumentado por McGilvery (2014, p. 4-5), a *Biblioteca* de

7 No texto latino: *DOMINO VALENTI GOTHICO MAXIMO PERPETUO AUGUSTO EUTROPIUS V. C. MAGISTER MEMORIAE. Res Romanas ex voluntate mansuetudinis tuae ab urbe condita ad nostram memoriam, quae in negotiis vel bellicis vel civilibus eminebant, per ordinem temporum brevi narratione collegi, strictim additis etiam his, quae in principum vita egregia extiterunt, ut tranquillitatis tuae possit mens divina laetari prius se inlustrium virorum facta in administrando imperio secutam, quam cognosceret lectione.* Tradução minha.

8 Cálculos dados por MCGILVERY (2014, p. 4-5).

Fócio deve ser vista como uma fonte confiável (por comparação com outras fontes) para a lista de governadores de províncias, por exemplo, mas é preciso ter em mente que sua inclinação para as questões diplomáticas excluiu de seu epítome notas topográficas, etnografias e batalhas, elementos tão presentes na *Anábase de Alexandre*, escrita por Arriano (*Anábase de Alexandre Magno* 4.28; 4.28; 5.4-5; 6.22). Embora não se saiba o conteúdo mais extenso dos *Eventos após Alexandre*, de Arriano, a não ser pelo texto do próprio Fócio, a comparação com a *Anábase* sugere um estilo completamente outro, que deve apontar para a distorção da orientação literária supracitada, na esteira do raciocínio de Marincola.

O epítome Heidelberg situa-se igualmente do lado dos epítomes bizantinos. É composto de quatro excertos sobre a história dos Sucessores de Alexandre Magno e faz parte do *Códice Palatino Grego* 129 (Wheatley, 2013, p. 21). Descoberto em 1889 por Max Treu, o *Códice Palatino Grego* (doravante CPG) integra a *Biblioteca Palatina*, que depois da Guerra dos Trinta Anos foi dividida em dois tipos: Vaticano e Heidelberg<sup>9</sup>. Servindo-se de Reitzenstein<sup>10</sup>, Wheatley acrescenta que o códice completo totaliza 141 páginas (estando o epítome Heidelberg a partir da folha 137), contém

excertos de vários autores e possui anotações marginais de mesmo punho e também de punho distinto, o que sugere que o bizantino que escreveu o epítome tivesse tido o apoio de um escriba ou tivesse sua obra suplementada/corrigida posteriormente por outro autor. Trata-se de uma obra claramente de uso particular, com propósito obscuro e que não parece seguir nenhum plano coerente, a julgar pela organização do material (o texto de Flávio Josefo antecede o epítome, por exemplo).

Outro problema é a referência ao bizantino Nicéforo Gregoras (século XIII), cuja assinatura acompanha o CPG 129, tal qual indicado pela própria Biblioteca da Universidade Heidelberg<sup>11</sup>. A questão é, na verdade, mais complexa do que a biblioteca em questão sugere. O estudo mais cauteloso de Treu apontou 74 nomes de autores representados no códice e, portanto, permitiu (auxiliada pela posterior contribuição do paleógrafo alemão Victor Gardthausen) que tomemos como certa também a presença de uma coleção de autores clássicos e de epítomes bizantinos mais tardios, cobrindo o longo período do século VI a.C. (no caso da representação dos autores clássicos) ao século XV. Entre esses autores medievais tardios, estão (na mesma sequência apresentada por Wheatley): Eustácio de Tessalônica (conhecido por seu relato sobre o saque de Tessalônica pelos normandos e por seus comentários sobre

9 Desde 2001, cumpre dizer, a Universidade Heidelberg trabalha em uma reconstrução virtual desse acervo, que pode ser parcialmente consultado em: <<http://digi.ub.uni-heidelberg.de/de/bpd/index.html>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

10 Autor da primeira edição do texto, em 1904, e responsável pelo seu “batismo” como “epítome Heidelberg”. Ver REITZENSTEIN (1922).

11 Disponível em: <[http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/cpgraec129?ui\\_lang=ger](http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/cpgraec129?ui_lang=ger)>. Acesso em: 12 dez. 2018.

Homero) e Constantino Manasses (conhecido por sua *Crônica*), ambos do século XII; Teodoro Metoquita (autor de poemas em hexâmetro dactílico, comentários sobre filosofia aristotélica e o subvalorizado estudo sobre astronomia lágida) e Manuel Files (autor de poemas multitemáticos, ambos do último quarto do século XIII e do início do século XIV (Wheatley, 2013, p. 21).

Sugeriu-se igualmente que a síntese dos eventos após a morte de Alexandre no epítome Heidelberg, especialmente as tramas que levaram à fragmentação do império e à formação dos reinos, indica o acesso do autor bizantino às ricas coleções de fontes e epítomes bizantinos anteriores (Bauer, 1922, p. 92-101; Wheatley, 2013, p. 21), tal qual ocorreu com os outros autores de epítomes supracitados. Como veremos mais detalhadamente na próxima seção deste artigo (Jerônimo de Cárdis e o epítome Heidelberg), o epítome Heidelberg apresenta desafios às questões normalmente enfrentadas pelo historiador que lida com epítomes antigos e medievais: (1) o autor bizantino não registra qualquer “demanda imperial imediata” (*vide supra*), e o próprio estado do material (com anotações por vezes concorrentes em uma mesma página) parece sugerir um uso mais privado, um interesse pessoal ou de *scholars* bizantinos, sendo esta a avenida possível para inseri-lo em uma tradição literária que o conecta a outros epítomes bizantinos; (2) como nos outros casos citados anteriormente, nota-se no epítome Heidelberg a inserção de

“fragmentos” em sua própria narrativa, o que potencialmente distorceria a orientação literária do trabalho citado ou resumido. Esta última questão, no entanto, típica dos epítomes antigos e medievais (que não neutralizam o autor que os escreve em prol do autor usado como fonte primária), foi fundamental para que Wheatley pudesse defender a utilização de Jerônimo de Cárdis pelo bizantino do epítome Heidelberg, e causou impressão contrária à esperada “distorção de conteúdo”.

A seguir, encontra-se disponível minha versão (feita a partir do paralelo entre o texto grego e a tradução inglesa) do Epítome Heidelberg, cujo original está de acordo com o oferecido por Jacoby, *FGH* 155:

[1] Como, logo após a morte de Alexandre, suas esposas foram abandonadas, da mesma forma que seu filho (ainda em gestação) com Roxana. Disso resultou uma disputa entre seus homens quanto à realeza, e decidiu-se que Arrideu, irmão de Alexandre pelo lado paterno (Arrideu recebeu depois também o nome Filipe), deveria ocupar o trono até que o filho de Alexandre atingisse a maioridade. O irmão de Alexandre era cognitivamente incapaz, e era também epilético; assim, escolheu-se um prefeito do palácio<sup>12</sup>: Pérdicas, a quem Alexandre em seu leito de morte dera seu anel por ser ele o mais leal dos seus oficiais. Após devida ponderação, Pérdicas deu a cada um dos oficiais uma província para administrar, distribuindo entre eles todas as províncias, um total de mais de vinte e quatro. Após partirem para as províncias atribuídas, começaram a expandir suas fronteiras tanto quanto conseguiam. Então, Pérdicas, tendo assim conquistado grande poder, foi para o Egito a fim de fazer guerra a Ptolomeu. Mas lá tornou-se alvo de uma conspiração e foi assassinado pelos seus próprios súditos. Antípatro, então, tornou-se prefeito do palácio, e após igual e devida ponderação, mudou as províncias atribuídas por Pérdicas, dando a cada oficial uma província distinta, exceto nos casos de Ptolomeu e

12 Trata-se, literalmente, de um guardião e gestor dos assuntos do rei. Por falta de nomenclatura específica mais adequada na língua portuguesa, e por considerar que a função de administrar a casa real possuía equivalência suficiente no trabalho do prefeito do palácio dos francos, adotou-se aqui a mesma terminologia.

Lisímaco, que foi incapaz de remover. Fez, entretanto, alterações na atribuição das outras, dando a província de Susiana a Antígono, e a da Babilônia a Seleuco, ao passo que nomeou também seu próprio filho Cassandro para uma quiliarquia. Então, mais tarde, quando Antípatro também morreu, Poliperconte o sucedeu como prefeito do palácio. Durante seu governo, Olímpia executou Arrideu e sua esposa, Eurídice. Então, Cassandro subornou alguns dos servos reais [...] Roxana e seu filho Alexandre, filho de Alexandre, que subiria ao poder para governar todo o reino. Esses eventos ocorreram na Macedônia [...] [de Olímpia, mãe de Alexandre]. Instalou-se, em seguida, o caos nas províncias, com governadores conspirando uns contra os outros e anexando territórios aos seus próprios, e com os mais implacáveis cercando-se de grandes forças militares e assassinando os governadores mais fracos. Antígono (e, com ele, seu filho Demétrio, o assediador de cidades) obteve superioridade sobre a maioria deles. Por causa disso, passou a se dizer rei e cingiu a cabeça com um diadema. Quando os outros de similar poder viram isso, também cingiram suas cabeças com um diadema e passaram a se dizer reis. Foram eles: Ptolomeu, no Egito e na Síria; Lisímaco, na Trácia; e Seleuco, na Babilônia. (Seleuco reinou sobre toda a Ásia após a morte de Antígono, da mesma forma que seus filhos quando estes o sucederam)<sup>13</sup>.

13 No texto grego, excluindo-se por escolha pessoal, como na tradução, as subdivisões internas: ὅτι Ἀλεξάνδρου τελευτήσαντος ἐναπελείφθησαν αἱ γυναῖκες αὐτοῦ καὶ παῖς ἀτελής, ὃν ἐγέννησεν ἐκ τῆς Ῥωξάνης. στασιαζόντων δὲ τῶν περὶ αὐτὸν περὶ τῆς βασιλείας ἐτάχθη βασιλεύειν ὁ ὀμοπάτριος ἀδελφὸς Ἀλεξάνδρου ὁ Ἀρριδαῖος, ὁ καὶ Φίλιππος ὕστερον ὀνομασθεῖς, μέχρις οὗ φθάσῃ εἰς ἀνήκουσαν ἡλικίαν ὁ Ἀλεξάνδρου παῖς. ἐπεὶ δὲ ἦν νωθρὸς ὁ Ἀρριδαῖος, ἔτι δὲ καὶ ἐπιληπτικός, ἠιρέθη ἐπίτροπος καὶ ἐπιμελητῆς τῶν βασιλικῶν πραγμάτων ὁ Περδίκκας, ὃν δέδωκεν ὁ Ἀλέξανδρος τελευτῶν τὸν ἑαυτοῦ δακτύλιον ὡς πιστοτέρῳ τῶν ἄλλων στρατηγῶν. ὃς συνδιασκεψάμενος δέδωκεν ἑκάστῳ στρατηγῶι σατραπείαν διεξάγειν, μερίσας ἀπάσας οὐσας πλείους τῶν κδ. ἀπελθόντες δὲ οὕτως εἰς τὰς ὀρισθείσας ἑκάστῳ σατραπείας ἤρξαντο ὑπερβάθμιον τείνειν πόδα ὡς ἡδύνατο ἕκαστος. ὅθεν μεγάλας δυνάμεις λαβὼν ὁ Περδίκκας ἀπῆλθεν εἰς Αἴγυπτον πολεμῆσων Πτολεμαίῳ. ἔνθα καὶ ἐπιβουλευθεὶς ἐφρονεῦθη ὑπὸ τῶν ἑαυτοῦ οἰκείων. εἶτα διεδέξατο τὴν ἐπιμέλειαν τῶν βασιλέων ὁ Ἀντίπατρος, ὃς καὶ αὐτὸς συνδιασκεψάμενος ἐνήλλαξε τὰς δοθείσας παρὰ τοῦ Περδίκκου σατραπείας ἄλλην ἄλλῳ δούς, πλὴν Πτολεμαίου καὶ Λυσιμάχου· τούτους γὰρ οὐκ ἠδυνήθη μεταστῆσαι. δέδωκε δὲ ἄλλοις μὲν ἄλλας, Ἀντιγόνῳ δὲ τὴν Σουσιανὴν σατραπείαν, Σελεύκῳ δὲ τὴν τῆς Βαβυλωνῶν· τὸν δὲ ἑαυτοῦ υἱὸν Κάσανδρον ἀπέδειξε χιλίαρχον. εἶτα μετὰ καιρὸν τελευτήσαντος καὶ τοῦ Ἀντιπάτρου διεδέξατο τὴν ἐπιτροπὴν καὶ ἐπιμέλειαν τῶν βασιλικῶν πραγμάτων ὁ Πολυσπέρχων ἐφ' οὗ ἢ Ὀλυμπιάς ἐδολοφόνησε τὸν Ἀρριδαῖον καὶ τὴν γυναῖκα αὐτοῦ Εὐρυδίκην. εἶτα ὁ Κάσανδρος μισθωσάμενός τινας τῶν βασιλικῶν διακόνων ἐδολοφόνησε τὴν τε Ὀλυμπιάδα καὶ Ῥωξάνην καὶ τὸν

[2] Como os macedônios, após sua morte, transportaram o corpo de Alexandre da Babilônia para Alexandria, tendo-o decorado de maneira muito dispendiosa e disposto ao seu redor uma grande quantidade de ouro e prata, como forma faustosa de adorno; e como o escoltaram com uma grande e numerosa comitiva de guardas. Então, transferiram Roxana para a Macedônia com o filho que teve com Alexandre, cujo nome era igualmente Alexandre. Transferiram para lá também Filipe Arrideu, que, após governar por intermédio de guardiões por seis anos e quatro meses, foi brutalmente assassinado, juntamente com sua mulher Eurídice, por sua madrastra Olímpia. Pouco tempo depois, a própria Olímpia foi também brutalmente assassinada por Cassandro, filho de Antípatro, e com ela Roxana, mulher de Alexandre, e Alexandre, o neto de Olímpia. Após essas horríveis execuções, Cassandro esposou Tessalonice, irmã de Alexandre Magno pelo lado paterno. Esta Tessalonice mais tarde fundou Tessalônica; seu marido Cassandro, Cassandreia<sup>14</sup>.

[3] Como, dentre os generais e sucessores de Alexandre, Eumenes, que era um homem sábio, manteve afeição

υἱὸν αὐτῆς τὸν Ἀλέξανδρον τὸν υἱὸν Ἀλεξάνδρου, ὃς ἔμελλεν εἶναι διάδοχος τῆς ὅλης βασιλείας. ἐγένετο δὲ ταῦτα ἐν Μακεδονίᾳ [[τῆς Ὀλυμπιάδος τῆς μητρὸς Ἀλεξάνδρου]]. ἐνεῦθεν σύγχυσις ἐγένετο τῶν σατραπειῶν, καὶ ἐπεβούλευον ἄλλοι ἄλλοις καὶ προσετίθουν ταῖς ἑαυτῶν καὶ μείζονας περιεβάλλοντο δυνάμεις οἱ πανουργότεροι καὶ ἐφόνευον τοὺς ἀσθενεστέρους. ἐμεγαλύνθη δὲ ὑπὲρ τοὺς πολλοὺς ὁ Ἀντίγονος μετὰ τοῦ αὐτοῦ υἱοῦ τοῦ Πολιορκητοῦ Δημητρίου. διὸ καὶ ὠνόμασεν ἑαυτὸν βασιλεῦα καὶ ἐφόρεσε διάδημα. ἰδόντες δὲ καὶ οἱ ἕτεροι, ὅσοι οὐκ ἠλαττοῦντο αὐτοῦ, ἐφόρεσαν κάκεινοι διάδημα καὶ ὠνόμασαν ἑαυτοὺς βασιλεῖς, ὃ τε Πτολεμαῖος ἐν Αἰγύπτῳ καὶ Συρίᾳ καὶ ὁ Λυσιμάχος ἐν Θράκῃ καὶ ὁ Σέλευκος ἐν Βαβυλωνίᾳ, ὃς ἀποθανόντος Ἀντιγόνου ἤρξε πάσης Ἀσίας· καὶ κατὰ διαδοχὴν οἱ αὐτοῦ υἱοί.

14 No texto grego, excluindo-se por escolha pessoal, como na tradução, as subdivisões internas: ὅτι τὸ σῶμα τοῦ Ἀλεξάνδρου μετὰ <τὸν> θάνατον κατήγαγον οἱ Μακεδόνες εἰς Ἀλεξάνδρειαν ἐκ Βαβυλωνῶν, κοσμήσαντες αὐτὸ πάνυ πολυτελῶς καὶ πλείστου χρυσοῦ καὶ ἀργύρου περιθέντες ἀναλώματα καὶ καλωπισμόν· κατήγαγον δὲ μετὰ πολλῆς καὶ πεπληθυσμένης δορυφορίας. εἶτα ἐκεῖθεν διεβίβασαν εἰς Μακεδονίαν τὴν Ῥωξάνην μετὰ τοῦ σὺν Ἀλεξάνδρῳ γενομένου αὐτῇ παιδὸς ὀνομαζομένου Ἀλεξάνδρου καὶ αὐτοῦ. διεβίβασαν δὲ καὶ Φίλιππον τὸν Ἀρριδαῖον, ὃς βασιλεύσας ὑπὸ ἐπιτρόποις ἔτη ζ' καὶ μῆνας δ' ἐφρονεῦθη μετὰ τῆς γυναῖκος αὐτοῦ Εὐρυδίκης ἀπηνῶς παρὰ τῆς [[Κλεοπάτρας]] μητριᾶς αὐτοῦ τῆς Ὀλυμπιάδος. ὕστερον δὲ μετὰ καιρὸν ὀλίγον ἐφρονεῦθη καὶ αὐτῇ ἢ Ὀλυμπιάς σὺν τῇ νύμφῃ Ῥωξάνῃ καὶ τῷ ἐγγόνῳ Ἀλεξάνδρῳ ἀπηνῶς παρὰ τοῦ υἱοῦ τοῦ Ἀντιπάτρου τοῦ Κασάνδρου. ὃς Κάσανδρος μετὰ τοὺς τοιοῦτους φόνους ἐγῆμε τὴν Θεσσαλονίκην τὴν ὀμοπάτριον ἀδελφὴν τοῦ μεγάλου Ἀλεξάνδρου. ἦτις Θεσσαλονίκη ἔκτισεν ὕστερον τὴν Θεσσαλονίκην· ὃ δὲ ἀνὴρ αὐτῆς ὁ Κάσανδρος ἔκτισεν τὴν Κασάνδρειαν.

genuína por Alexandre mesmo após a sua morte; como fez numerosas guerras àqueles que marcharam sobre os territórios do rei; e como foi vitorioso em algumas importantes guerras e contra grandes generais dos macedônios. Então, quando Antígono se tornou ambicioso e se fortaleceu, e quis se apropriar da prerrogativa real, a família real (Olímpia, Filipe Arrideu e Roxana) pediu a Eumenes por meio de mensagens da corte que viesse em socorro deles. Como se comovesse por seus apelos, Eumenes marchou rumo às províncias que se situam para além da Babilônia, onde, após recrutar numerosas forças da região, fez guerra a Antígono. Derrotou-o duas ou três vezes, e o teria aniquilado se alguns dos seus amigos que estavam consigo não tivessem se rebelado, capturando-o e entregando-o a Antígono. Quando isso aconteceu, Antígono obteve poder supremo e não pode mais ser detido<sup>15</sup>.

[4] Como Ptolomeu, após ter derrotado Pérdicas no Egito (tal qual relatado anteriormente), tomou para si quantas tropas de Pérdicas quis, e também tomou como sua mulher Cleópatra (irmã de Alexandre Magno pelo lado paterno), tendo-a mantido juntamente com suas outras mulheres. Cleópatra era filha de Filipe, mas de outra mulher, igualmente chamada Cleópatra<sup>16</sup>.

### Jerônimo de Cárδια e o problema da autoria do epítome Heidelberg

15 No texto grego, excluindo-se por escolha pessoal, como na tradução, as subdivisões internas: ὅτι ὁ Εὐμένης σοφὸς ὢν ἐκ τῶν στρατηγῶν καὶ διαδόχων Ἀλεξάνδρου ἐτήρησε στοργὴν ἀδολωτάτην πρὸς τὸν Ἀλέξανδρον καὶ τεθνεῶτα, καὶ ἐπολέμησεν πολλάκις πρὸς τοὺς ἐπεμβαίνοντα τοῖς βασιλικοῖς πράγμασι, καὶ ἐνίκησε μεγάλους πολέμους καὶ στρατηγούς μεγάλους ἐκ τῶν Μακεδόνων. εἶτα ἐπεὶ ὁ Ἀντίγονος πλεονεκτῶν καὶ αὐξανόμενος ἐβούλετο νοσφίζεσθαι καὶ τὸ τῆς βασιλείας ὄνομα, ἐδεήθησαν οἱ βασιλεῖς τοῦ Εὐμένους εἰς βοήθειαν ἢ τε Ὀλυμπίας καὶ ὁ Ἀρριδαῖος ὁ Φίλιππος καὶ ἡ Ῥωξάνη διὰ γραμμάτων βασιλικῶν. ὃς καὶ ἐπικαμφθεὶς ταῖς ἐκείνων δεήσεσιν ἀνῆλθεν εἰς τὰς ἐπέκεινα τῆς Βαβυλωνίας σατραπείας, καὶ συναγαγὼν μεγάλας ἐκεῖθεν δυνάμεις ἐπολέμησε τῷ Ἀντιγόνῳ. καὶ δις καὶ τρίς καὶ νενίκηκε, τάχα δ' ἂν καὶ ἐς τὸ παντελὲς ἠφάνιζεν, εἰ μὴ τινες τῶν περὶ αὐτὸν φίλων ἐπιβουλεύσαντες συνέλαβον καὶ δεδώκασιν τῷ Ἀντιγόνῳ. τούτου δὲ γενομένου ηὐξήθη ἐς μέγιστον ὁ Ἀντίγονος καὶ ἦν τοῖς ὅλοις ἀπρόσμαχος.

16 No texto grego, que como na tradução, não possui subdivisões internas: ὅτι νικήσας, ὡς εἴρηται, ὁ Πτολεμαῖος ἐν Αἰγύπτῳ τὸν Περδίκκαν ἔλαβε τὰ αὐτοῦ στρατεύματα ὅσα ἠθελεν, ἔλαβε δὲ καὶ τὴν αὐτοῦ γυναῖκα Κλεοπάτραν τὴν ὁμοπάτριον ἀδελφὴν τοῦ μεγάλου Ἀλεξάνδρου καὶ εἶχεν αὐτὴν εἰς γάμου κοινωνίαν σὺν ταῖς ἄλλαις αὐτοῦ γυναιξίν. ἦν δὲ ἡ Κλεοπάτρα αὕτη θυγάτηρ μὲν τοῦ Φιλίππου, ἀλλ' ἐξ ἄλλης γυναικός, Κλεοπάτρας κάκεινης λεγομένης.

Após a leitura do epítome Heidelberg, torna-se imprescindível fazer algumas observações históricas e metodológicas sobre os primórdios do período helenístico, antes de passarmos à discussão mais específica em torno da autoria de Jerônimo de Cárδια e dos seus impactos para o debate metodológico sobre os epítomes. Como se pode presumir a essa altura, os principais eventos registrados giram em torno de uma preocupação com a preservação das conquistas de Alexandre e a manutenção do poder na casa real. Este esforço de alguns dos Sucessores, no entanto, ironicamente se viu ameaçado pelo que o próprio Alexandre criara: conspirações derivadas de uma tendência à monarquia pessoal autoproclamada (quando Alexandre deixa de ser o rei dos macedônios para se tornar, gradualmente, rei Alexandre, sem restrições de uma designação étnica) e de impulsos de conquista militar traduzidos pelo princípio helenístico da terra conquistada pela lança. Sobre o período dos Sucessores, temos notícias da implosão das seções do exército após a polêmica morte de Alexandre, da política da desconfiança entre os seus generais (digna de nota é a participação de Eumenes) e a consequente disputa pelas províncias, dos acordos políticos que garantiram momentaneamente alguma centralização do poder sobre os territórios imperiais, da conturbada inserção de Olímpia nesse cenário, do rapto do corpo de Alexandre e da subsequente invasão do Egito por Pérdicas, do posicionamento dos generais frente ao herdeiro

de Alexandre, gerado por Roxana, e ao meio-irmão de Alexandre, Arrideu, e da posterior coroação dos diádocos e do estabelecimento de dinastias (Boiy, 2013, p. 1-16).

Muito do que sabemos sobre esses eventos deriva principalmente de D.S. e Arr. (fragmentos), bem como de eventuais alusões nas tardias *Vidas* de Plutarco e de fontes periféricas com grande potencial para questões mais específicas. Dessas fontes, temos importantes e frequentemente negligenciados documentos em grego (o epítome Heidelberg é talvez o melhor exemplo) e em cuneiforme (ainda por serem traduzidos para o português): uma lista de reis da Babilônia e outra de reis de Uruk, três crônicas do período dos diádocos, textos de tradição profética *post factum*, notas históricas anexadas aos *Diários Astronômicos*, bem como documentos de natureza legal e administrativa. Do lado grego, muito do que foi preservado (especialmente os livros 18, 18 e 20 de D.S., cobrindo os anos de 323 a 302 a.C., Plutarco, Cornélio Nepos, Arriano e Pompeu Trogo) remete inevitavelmente às memórias perdidas de Jerônimo de Cárdis, possivelmente sobrinho e certamente arquivista de Eumenes (Hornblower, 1981, p. 5)<sup>17</sup>, Antígono, Demétrio e Antígono II, e oficial de Alexandre Magno. Jerônimo foi também tido em alta conta como historiador por muitos dos antigos, excetuando-se mais claramente

Pausânias (*Descrição da Grécia* 1.9.8). Com efeito, parece ter escapado, por exemplo, das críticas de Polyb., ao menos na parte mais extensa dos seus últimos livros, todos fragmentários, como nos lembra Shipley (2000, p. 9).

Meu artigo concentra-se no epítome Heidelberg, cujo principal problema – o da autoria – foi discutido e atualizado por Wheatley. Este concluiu, com veremos a seguir, que muitas das referências de D.S. encontram paralelo com o epítome Heidelberg, especificamente na comparação das informações que, em D.S., apontam para Jerônimo de Cárdis. Segundo Bauer, o epítome Heidelberg contém expressões típicas do grego *koiné*, do que se desdobra a conclusão ligada ao uso de fontes majoritariamente helenísticas, posteriormente revisadas pelo autor bizantino do epítome (Bauer, 1922, p. 98; Wheatley, 2013, p. 22). Mais recentemente, mesmo Wheatley deu suporte a essa hipótese ao notar que termos helenísticos como *numphe* (literalmente, donzela em contexto pós-clássico) concorrem com o que ele classifica de “elementos de grego bizantino intrusivo”. Tal lista agregaria expressões desconhecidas ou não usuais em autores anteriores, sendo tipicamente bizantinas pelo seu paralelo com outras fontes de mesma origem e época, como a compilação *Suda*<sup>18</sup>. Por esta razão, conclui-se

17 Por isso sabemos mais de Eumenes do que de qualquer outro general helenístico das primeiras décadas que se seguiram à morte de Alexandre. Esta ideia aparece também em Shipley (2000, p. 46).

18 Tem-se à disposição nos dias de hoje um projeto batizado como SOL – *Suda On Line*: lexicografia bizantina, iniciado em 2000 e que conta com mais de duzentos acadêmicos de aproximadamente vinte países diferentes. Disponível em:

que a “mistura de vocabulário e idiomas do grego helenístico e bizantino” sugere um autor bizantino cuja fonte era helenística.

Em meio à discussão mais específica sobre a possível utilização de Públio Déxipo (*FGH* 100 T 5, F 8), que escreveu no séc. III d.C. um epítome de Arr. (*Eventos após Alexandre, vide supra*) de mesmo título preservado apenas no códice 82 *Biblioteca* de Fócio, a informação mais desconcertante deriva do escopo mais abrangente do epítome Heidelberg. Como pode ser Públio Déxipo a fonte primária no epítome Heidelberg se o último transborda informações sequer mencionadas pelo primeiro? O exemplo mais claro é, talvez, a fundação de Tessalônica e Cassandria (F 2.4) (Wheatley, 2013, p. 22-23). Wheatley descarta igualmente a hipótese de ter sido Agatárcides de Cnido sua principal fonte, mesmo que suplementado por Timágenes de Alexandria. Agatárcides (ou Agátarque, como dito por Fócio, *Biblioteca* 213) foi um geógrafo e historiador do século II d.C., atuante no Egito lágida, cuja obra encontra-se parcialmente preservada em Fócio. Este tinha declaradamente em mãos apenas sua obra *Sobre o mar Vermelho*. Mais importante aqui, no entanto, é o fato desse Agatárcides ter escrito também uma história em dez livros (*FGH* 86 F 1-22) que lidava, aparentemente, com os diádocos, e que provavelmente se perdeu muito antes. No caso desses dois (Agatárcides e Timágenes), a

impopularidade dos autores na Antiguidade, somada ao fato de Fócio ter em mãos apenas uma das obras de Agatárcides, sugere que eles haviam sido perdidos muito antes da época bizantina. De fato, como defende Wheatley, as referências à obra histórica de Agatárcides são Ateneu, Flegon de Tralles, D.S., Plínio, Élio Aristides e Flávio Josefo. Destes, o mais tardio é Élio Aristides, que pertence ao último quarto do século II d.C.! Assim, a hipótese que remete aos dois (sem economizar as palavras usadas por Wheatley) “deve ser considerada altamente especulativa e rejeitada categoricamente”.

Assim, resta a mais óbvia conclusão, tal qual defendida por Wheatley (2013, p. 22-23): o autor do epítome Heidelberg deriva sua narrativa de Jerônimo de Cárdia, muito provavelmente por intermédio de D.S. e de uma série de autores bizantinos que remetem, no limite, a Jerônimo de Cárdia. O único erro crasso do documento é o fato de Ptolomeu não ter esposado a irmã de Alexandre, chamada Cleópatra. A conclusão de Wheatley é, portanto, a mais plausível do ponto de vista historiográfico, mas teria muito a ganhar com uma contextualização conceitual e metodológica moderna em torno dos fragmentos e epítomes, como propusemos neste artigo: em primeiro lugar, por causa da confluência de muitas das informações presentes no epítome (nomeadamente: o anel dado a Pérdicas, o tratamento positivo de Eumenes, o assassinato de Filipe Arrideu e a estrutura textual do epítome) com o relato de D.S., reconhecidamente derivado de Jerônimo

de Córdia. Em segundo lugar, é plausível também porque os “elementos de grego bizantino intrusivo” remontam a essa mesma tradição, o que pode ou não ampliar o número de fontes utilizadas pelo autor do epítome.

## Conclusão

Como ficou claro a partir da contextualização conceitual e metodológica do epítome Heidelberg proposta neste artigo, diferentemente de muitos outros epítomes antigos e medievais, este não parece responder a qualquer “demanda imperial imediata”. Podemos concluir, assim, que não há sequer a comum e esperada dedicatória que identifique sua autoria e, conseqüentemente, certa filiação política do autor. Sabe-se seguramente que é um documento de origem bizantina, do século XV, e que possuía uso privado e orientação pessoal (como a *Biblioteca* de Fócio, dedicada ao seu irmão) em sua composição. As anotações sobrepostas de mesmo punho e de punhos distintos sugerem a consulta revisitada de um mesmo autor ou o uso por vários autores subsequentes, o que faz com que o epítome represente também uma tradição literária, no sentido discutido neste artigo. Adicionalmente, nota-se no epítome Heidelberg a inserção de “fragmentos” em sua própria narrativa, e, desde a pesquisa de Wheatley, parece inevitável atribuir sua fonte principal como sendo Jerônimo de Córdia. Este atingiu o autor do epítome Heidelberg por meio de D.S. e/ou de autores bizantinos

que leram D.S. ou fontes correlatas (Plutarco também preserva Jerônimo pela imagem positiva de Eumenes). Curiosamente, o que se observa não é uma distorção do conteúdo do trabalho resumido, ao contrário do que parece ter ocorrido, por exemplo, com o Arr. (*Eventos após Alexandre*) de Fócio. No epítome Heidelberg tem-se uma coincidência impressionante das informações nele apresentadas com o relato de D.S., especialmente em sua estrutura textual e nos elementos escolhidos para preenchê-la. Isso faz com que o documento em questão se apresente como uma fonte de razoável precisão de informações (apesar de pequenos erros ou informações destoantes de D.S.), de fonte primária helenística certa (hipótese de Wheatley) e de situação peculiar mesmo no âmbito dos epítomes antigos e medievais (integrando uma tradição bizantina), como sugerido neste artigo.

## Referências

- Assis, Arthur. *What is history for? Johann Gustav Droysen and the functions of historiography*. New York: Berghahn, 2014.
- Banchich, Thomas. The Epitomizing tradition in Late Antiquity. In: Marincola, John. (org.). *The Blackwell Companion to Greek and Roman historiography*. Oxford: Blackwell, 2007.
- Bauer, Georg. *Die Heidelberger Epitome. Eine Quelle zur Diadochengeschichte*. Greifswald, Druck von J. Abel, 1914.
- Boiy, Tom. The Diadochi history in cuneiform documents. In: Anson, Edward; Alonso Troncoso, Vitor. (org.). *After Alexander: The*

*Time of the Diadochi (323-281 BC)*. Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 1-16.

Caldas, Pedro; Sant'Anna, Henrique. Fixar a onda de luz: o problema da transição das épocas. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 1, p. 88-101, 2008.

Chaniotis, Angelos *et al* (org.). *Supplementum Epigraphicum Graecum On line*. Leiden: Brill, -. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1163/1874-6772\\_seg\\_aabbr](http://dx.doi.org/10.1163/1874-6772_seg_aabbr)>. Acesso em: 12 dez. 2018.

Droysen, Johann Gustav. *Geschichte des Hellenismus*. München: Deutscher Taschenbuch, 1980.

Erskine, Andrew (org.). *A History of the Hellenistic World, 323-30 BC*. Oxford: Blackwell, 2008.

Hornblower, Jane. Hieronymus of Cardia. Oxford: Oxford University Press, 1981.

Jacoby, Felix. *Die fragmente der griechischen historiker (FGrH)*. Leiden: Brill, 1957-.

Kosmin, Paul. *The land of the elephant kings: space, territory, and ideology in the Seleucid Empire*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2014.

Marincola, John. (org.). *The Blackwell Companion to Greek and Roman historiography*. Oxford: Blackwell, 2007.

McGilvery, Paul. *Arrian's Events After Alexander in Photius*. Dissertação (Master of Arts), Dalhousie University, Halifax, 2014.

Momigliano, Arnaldo. J. G. Droysen between Greeks and Jews. Middletown, *History and Theory*, v.9, n.2, p. 139-153, 1970.

Reitzenstein, Richard. *Poimandres: Studien zur griechisch-ägyptischen und frühchristlichen Literatur*. Leipzig, B. G. Teubner, 1904 [1922].

Sant'Anna, Henrique. Uma revisão crítica das fontes historiográficas para a história do

Império Parto (247 a.C. – 228 d.C.): o caso de Apolodoro de Artemita e Arriano de Nicomédia. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 17, p. 262-273, 2015, p. 267.

Sherwin-White, Susan; Kuhrt, Amelie. *From Samarkhand to Sardis: a new approach to the Seleucid empire*. Berkeley: University of California Press, 1993.

Shibley, Graham. *The Greek world after Alexander*. London and New York: Routledge, 2000.

Treadgold, Warren. Photius before his Patriarchate. *The Journal of Ecclesiastical History*, Cambridge, v. 53, n. 1, p.1-17, 2002, p. 2.

Wheatley, Pat. The Heidelberg Epitome: a neglected Diadoch Source. In: Alonso Troncoso, Victor; Anson, Edward (org.). *After Alexander: The Time of the Diadochi (323-281 BC)*. Oxford: Oxbow Books, 2013, p. 17-29.